



CENTRO DE HUMANIDADES . CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DANIEL DA SILVA PESSOA

# **HAMLET E DE COMO SE CONSTRÓI O PROCESSO DA LOUCURA**

GUARABIRA . PB  
2014

DANIEL DA SILVA PESSOA

## **HAMLET E DE COMO SE CONSTRÓI O PROCESSO DA LOUCURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA . PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P475h Pessoa, Daniel da Silva  
Hamlet e de como se constrói o processo da loucura  
[manuscrito] : / Daniel Da Silva Pessoa. - 2014.  
42 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Rosilda Alves Bezerra, Departamento de  
Letras".

1. Loucura. 2. Processo. 3. Lucidez. 4. Hamlet. I. Título.  
21. ed. CDD 820

DANIEL DA SILVA PESSOA

## HAMLET E DE COMO SE CONSTRÓI O PROCESSO DA LOUCURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência do grau de licenciado em Letras.

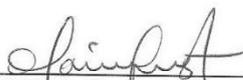
Aprovado em 05 de dezembro de 2014.

### BANCA EXAMINADORA



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosilda Alves Bezerra (Orientadora/UEPB)



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Suely da Costa (1<sup>a</sup> Examinadora/ UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Neni de Freitas (2<sup>a</sup> Examinadora/ UEPB)

Guarabira/ PB  
2014

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais **Maria** e **Manoel**. Sem eles eu não teria chegado até aqui. Ao meu irmão **Douglas** pela energia boa, apoio e torcida.

**Simony**, minha querida amiga! não preciso nem dizer o tamanho da felicidade, amizade, cumplicidade, diversão, conhecimentos e muitas outras coisas que você me proporcionou por ter percorrido comigo essa trajetória do curso (e fora do curso também) tão cheia de retas e curvas. Uma grande amizade surgiu, obrigado por ela e por tudo! Nossa trajetória está só começando!

A minha orientadora **Rosilda Alves Bezerra**, por ter abraçado este projeto tão prontamente, me conduzindo por caminhos mais seguros. Obrigado pela confiança depositada em mim para a produção deste trabalho tão importante.

A minha amiga **Ingrid Roza** por todas as palavras de incentivo. Com elas descobri que sou muito mais do que eu sabia. Você também faz parte dessa história, muito obrigado!

As minhas amigas e companheiras **Brenda** e **Maria da Luz**. Obrigado pelo companheirismo e amizade de vocês em todos os momentos, lindas!

Aos **professores** da minha jornada escolar e acadêmica que fizeram contribuições significativas.

A **Geysehellen** por todos os momentos de diversão e apoio. Sei que posso contar contigo nos momentos tristes e alegres e nas nossas maluquices divertidas também!

**Rosilda Pessoa**, prima, são tantos filmes, sabores e poesia que fazem parte das nossas inspirações! Obrigado pelo apoio de sempre.

A **Lucicleide Pessoa** pela assistência e incentivo. Obrigado por aguentar meus dramas e dizer sempre algo bom. Ainda te darei uma coruja, prima (Ela ama corujas).

A **Lidiane** por ter se mostrado uma grande amiga durante todos esses anos.

A todos os meus amigos e familiares que me apoiaram de uma forma ou de outra. Obrigado a todos!

## RESUMO

Este estudo objetiva analisar de como se processa a loucura na obra *Hamlet* (1601) do dramaturgo inglês William Shakespeare com tradução para a Língua Portuguesa de Barbara Heliodora (2010), assim como evidenciar e analisar a verdade e reflexões de lucidez que a loucura do Príncipe Hamlet apresenta. A pesquisa é de cunho bibliográfico centrando-se nas reflexões de Erasmo (2003), Freud (2014), Bloom (2000) e Heliodora (2010) que situam suas ponderações desde o processo de loucura ao ligamento de outros aspectos que mostram que a loucura e reflexões do personagem Hamlet implicam em questões que transcendem os campos da história ligados a questões filosóficas abrangentes.

**Palavras-chave:** *Loucura. Processo. Lucidez. Hamlet.*

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze how to process the madness in the work Hamlet (1601) English playwright William Shakespeare with translation to Portuguese Barbara Heliodora (2010), as well as highlight and analyze the truth and clarity of thoughts that madness Prince Hamlet features. The research is of bibliographic nature focusing on reflections of Erasmus (2003), Freud (2014), Bloom (2000) and Heliodora (2010) siting their weights from the process of madness to the ligament of other aspects that show that madness and Hamlet character reflections involve issues that go beyond the fields of history linked to comprehensive philosophical questions.

**Keywords:** *Madness. Process. Lucidity. Hamlet.*

## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>08</b> |
| <b>1 HAMLET E DE COMO SE CONSTRÓI O PROCESSO DA LOUCURA .....</b>                       | <b>10</b> |
| <b>1.1 Reflexo e verdade do subconsciente de Hamlet.....</b>                            | <b>14</b> |
| <b>1.2 A corte podre Elsinore e o mal-estar social.....</b>                             | <b>16</b> |
| <b>2 A VOZ DA LOUCURA E A MELANCOLIA EM HAMLET .....</b>                                | <b>21</b> |
| <b>2.1 O “ser ou não ser, eis aí que é a questão” e sua relação com a loucura .....</b> | <b>32</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>37</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>40</b> |

## INTRODUÇÃO

William Shakespeare dramaturgo inglês do período elisabetano-jaimesco, autor de obras como *Hamlet*, *Romeu e Julieta*, *Rei Lear*, entre outras, virou marco na história do teatro, da literatura e também do cinema. Dentre estas destacamos a peça *Hamlet* (1601) uma das obras mais expressivas e estudada do autor. Trata-se de um drama trágico do qual destacamos a loucura em *Hamlet* como objeto de estudo.

Com tradução para a Língua Portuguesa de Bárbara Heliadora feita para o teatro e preservando a natureza poética da obra original, fizemos a leitura do livro, do qual destacamos os principais fragmentos sobre de que forma se processa a loucura em *Hamlet*. Tendo como principal objetivo mostrar a verdade e reflexões de lucidez que a loucura do Príncipe *Hamlet* apresenta.

A loucura, segundo o caráter usual do dicionário da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2010, p. 486), é: %distúrbio da mente do indivíduo que o afasta de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir+ou %perda da razão+, %paixão por alguém ou algo+. Caráter de tudo que fuja do convencional do previsto da rotina+.

No entanto, a questão da anormalidade, de acordo com Petry, varia de acordo com questões históricas e convenções sociais, conforme observamos no texto a seguir:

Aristóteles afirmava que uma pessoa normal é aquela que responde às situações com emoções apropriadas. Sigmund Freud, o criador da psicanálise, considerava o ego normal uma ficção ideal. De Aristóteles a Freud, as teorias apresentam um ponto comum: cada etapa da história humana tem suas próprias ideias sobre a normalidade mental. Em outras palavras, cada era define o que é e o que não é normal [...] (PETRY, 2011, p. 162).

O quadro teórico adotado no desenvolvimento dessa pesquisa de caráter exploratório centra-se principalmente em *Reflexões de Freud* (2014); Bloom (2000), Heliadora (2010), entre outros. Porém é em Erasmio (2003) que nos pautamos, especialmente, pois a loucura do Príncipe, comprometido com a verdade e a razão, centra-se na questão filosófica.

É essa loucura que ganha e dá voz às críticas e ironias de *Hamlet* que escondem e revelam a lucidez que defendemos neste trabalho. O Príncipe que é incumbido da missão de vingar a morte do pai, vítima de fratricídio, verdade revelada por seu próprio espectro, vive no dilema melancólico e preso na indecisão de ser ou

não ser, e de vingar ou não a morte do pai. Para denunciar os atos criminosos, ele faz uso da falsa máscara da loucura agindo com liberdade ao mesmo tempo que enlouquece. Os loucos são todos, em várias espécies, na peça, que tem por principais personagens, Cláudio, tio de Hamlet e o principal culpado do fratricídio usurpando o trono do Rei; Gertrudes, Rainha e mãe de Hamlet; Ofélia a amada rejeitada de Hamlet que enlouquece e suicida-se, Laertes; Horácio, fiel amigo do Príncipe, e Polônio pai de Ofélia e de Laertes. Todos compartilham do mesmo desfecho trágico.

Porém as questões em Hamlet são muito mais difusas e complexas, nesta obra de introspecção, como afirma Bloom: %Quando assistimos a uma encenação de Hamlet o texto da peça, logo constatamos que o Príncipe transcende a peça [...] Algo em Hamlet parece exigir e fornecer evidências relacionadas a esferas que estão além dos nossos sentidos.+ (2010, p. 482). E essa visão panorâmica da obra é característica da dramaturgia elisabetana-jaimesca, da qual Shakespeare faz parte. Como afirma Heliodora: %A dramaturgia Elisabetana, por sua natureza panorâmica, épica, é de extraordinária flexibilidade+ (2010, p.17)

A loucura está diretamente ligada com as transformações e trançada na obra, assim como tudo em Hamlet é interligado. Falar do Príncipe intelectual e renascentista é sempre um desafio. E este estudo vem contribuir com uma interpretação da loucura que é lúcida, desmistificada e crítica do personagem, assim como os aspectos relacionados à ela, pois: %o que Shakespeare quis dizer ao escrever *Hamlet* é- precisamente o total de *Hamlet*+ (Heliodora, grifo do autor, 2010, p. 15) que propicia um estudo ainda mais profundo do objeto analisado.

Sendo assim, este trabalho monográfico está dividido em dois capítulos: no primeiro capítulo: **Hamlet e de como se constrói o processo da loucura** destaca-se de como se processa a loucura, além de explicitar a crítica social contida na obra, tudo isso pautado através da teoria da psicanálise de Sigmund Freud, principalmente, e demais autores. E o segundo capítulo: **A voz da loucura e a melancolia em Hamlet**, que destaca as reflexões de base filosófica e argumentativa, como a voz da verdade da loucura do Príncipe, a melancolia, e desfecho da obra ligados a elementos que transcendem os campos da história que trazem suas implicações com a loucura de Hamlet em vários aspectos.

## 1 HAMLET E DE COMO SE CONSTRÓI O PROCESSO DA LOUCURA

~~%Rei:~~ Por que ainda te cobrem essas nuvens? Hamlet: Não, não senhor. Estou em pleno sol.+ (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena II, p.45). O diálogo de Polônio dirigido ao sobrinho é ponto importante que abre nossa discussão. O personagem mais complexo de Shakespeare encontra-se enlutado. O luto é devido à morte do pai o então ex-rei da Dinamarca. A mãe em tom de preocupação, também se dirige a ele:

Meu filho, deixa agora a cor noturna, / E deita olhos amigos sobre a Dinamarca. Não continues sempre de olhos vagos, / Procurando teu pai no pó da terra: Sabes como é fatal-tudo o que vive Há de morrer passando à eternidade.+ (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena II, p.45.)

Hamlet está de luto devido à morte do pai. O olhar de crítica se dirige à Dinamarca que está em desordem. A cor que prevalece nesse trecho é negra. As vestes do personagem (que veremos no próximo trecho) elucidam de acordo com a cor de sua alma. O preto, nesse contexto, representa o luto, a dor e a ausência total de cores. O Príncipe encontra-se num estado de choque, negação e tristeza profunda. Indagado pela rainha sobre parecer anormal todo seu o ar de melancolia, ele afirma:

~~%parece+~~, não, senhora; é não ~~%parece+~~/ Não é apenas meu casaco negro, / Boa mãe, nem solene roupa preta, / Nem suspiros que vem do fundo da alma, / Nem o aspecto tristonho do semblante, / ~~Cos~~ formas todas da aparente mágoa/ Que mostram o que sou: esses ~~%parecem+~~ Mas eu tenho no peito o que não passa;/ Meus trapos são o adorno da desgraça. (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena II, p.45/46).

Ele não sabe ~~%parecer+~~ Essa afirmação já implica sentidos de crítica à própria mãe e à sociedade que com suas máscaras escondem seus verdadeiros sentimentos e também suas mazelas. Essa já é umas das reverberações do Príncipe que permeiam a peça toda. No começo deste tópico iniciamos já com uma ironia que ao ser questionado, pelo tio, do porquê das nuvens de tristeza ainda estarem sobre ele; retruca não haver nuvens, mas ~~%em~~ pleno sol+. As reflexões e ironias são muitas ao longo da obra e são de sentidos incontáveis como Harold

Bloom (2001, p.480) afirma: %Nenhum outro protagonista, nem mesmo Falstaff ou Cleópatra, equipara-se a Hamlet, em suas infinitas reverberações.+E acrescenta: %Os grandes vilões- lago, Edmundo, Macbeth-seriam destruídos pela brilhante ironia de Hamlet.+ (BLOOM, 2000, p.481). As muitas ironias e questionamentos andam associadas à loucura forjada. Mas para entender isso estudemos primeiro como se dá o processo de loucura.

Como vimos o jovem Príncipe estava enlutado devido à morte do pai e à desordem social que foi instaurada. A dor que o personagem sente atinge graus de intensidade tão elevados que a depressão acaba por atingi-lo. A dor vivida pela perda acaba por despertar sentimentos mais profundos, que pareciam, até então, %adormecidos+. A morte do pai de Hamlet parece uma espécie de %a gota d'água+; e o estopim para o despertar dos sentimentos e da realidade. A realidade é tão dura para ele que acaba entrando em estado de profunda decadência e introspecção. Em uma delas, um de seus momentos mais agonizantes, o personagem reflete sobre o suicídio: %Oh, se esta carne rude derretesse, / E se desvanecesse em fino orvalho! / Ou que o Eterno não tivesse oposto/ Seu gosto pela própria destruição! / Oh, Deus! Como são gestos vãos, inúteis, / A meu ver esses hábitos do mundo!+ (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena II, p.47)

O definhar do personagem fica evidente. O abalo psicológico é intenso, e Hamlet começa a desenvolver uma espécie de loucura filosófica. Vemos nesse trecho que apesar do desejo altamente autodestrutivo, ele reflete sobre o suicídio de forma exaltada e ao mesmo tempo pudica; o personagem racionaliza, e em tom de crítica, questiona as leis de Deus e do mundo. Ele não concorda com o mundo e precisa concertá-lo. Encontrava-se extremamente entristecido e enraivecido com a ordem do mundo e com sua própria situação trágica. A raiva, a tristeza, a depressão, o mundo louco, a crueldade, tornam a confusão e a tortura na cabeça do Príncipe ainda mais mortificante. Uma dor que, assim como o mundo, parece não se resolver, uma dor que não passa: %Mas eu tenho no peito o que não passa+(SHAKESPEARE, 2010, p.45). Tomado pela fúria e pela loucura, Hamlet quer se livrar da dor e das injustiças que o mundo lhe causa; não quer fazer parte deste, mas já que vive nele, deseja concertá-lo. A loucura real e a fingida são despertadas. E a loucura do Príncipe assim como a loucura de Erasmo em seu livro %O elogio da loucura+ se tornam uma espécie de arauto da verdade. É a partir dessa premissa que este trabalho propõe o estudo da loucura de Hamlet. Ele que trava uma batalha em busca

da razão, e se vê contra os hábitos loucos do mundo, usa a máscara da loucura para mostrar as mazelas da sociedade e confessar os mais profundos pensamentos de seu inconsciente.

Hamlet acaba por ser um questionador à frente de seu tempo em busca do que é verdadeiro. O príncipe renascentista logo descobrirá (e que pudicamente já desconfia) o que há de podre no reino da Dinamarca. E não só na Dinamarca, pois a história implica em questões que transcendem os campos do castelo e da própria história em que Shakespeare o coloca, como afirma Bloom: “[...] Hamlet não é, na verdade, a tragédia de vingança que finge ser. É teatro do mundo [...]” (2000, p.479). A revolta contra a morte do pai; a insensibilidade da mãe, o mal-estar social, a loucura filosófica ganhará novas proporções. A grande revelação é então dada, por meio do espectro do falecido pai.

O fantasma já havia sido avistado antes, logo no início da obra por alguns membros da guarda real. Um dos diálogos de Marcelo e Horácio parecem confirmar que é mesmo o rei, fantasma, até então:

MARCELO: Não é igual ao rei? HORÁCIO: Como tu a ti mesmo: Aquela era sem dúvida a armadura/ Que usou contra a ambição da/ Noruega; Estava assim carrancudo quando em fúria/ Destruiu os polacos sobre o gelo, Isto é estranho! (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena I, p.37)

O estranhamento não é por menos. O espectro do rei aparece. O sobrenatural parece ter sido instaurado. Com semblante carrancudo, deveras inquieto e de aparência em fúria, o fantasma supõe-se raivoso por conta de algo. O espectro vestia armadura como se estivesse pronto para a guerra+que na verdade a era na fala de Horácio. Observemos que a armadura é a mesma que ele usou contra a Noruega. Isso nos leva a interpretar que: “[...] Hamlet pai pertence então a uma idade heroica em que o bravo vence lealmente, só perde quando traído e deve ser vingado, ao passo que Hamlet filho pertence a uma outra geração, universitária e humanística+” (HELIODORA, 2010, p.14). Isso talvez explique o fato do filho demorar em executar o ato de vingança, por seus valores se avultarem ao lado mais humanístico de sua geração.

E eis que o Príncipe encontra o fantasma e a vingança é então clamada, cena V do primeiro ato. O espectro clama por vingança. Ficam cara a cara, Hamlet pai e

Hamlet filho: Fantasma: Não me lamente, mas escuta, atento, O que revelo  
 Hamlet: Fala; é meu dever/ Ouvir-te. Fantasma: E após ouvir, deve vingar-me+  
 (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena V, p.67).

O fantasma diz ser o espectro de seu pai o ato criminoso é então revelado:

[...] Agora Hamlet, Escuta:/ Dizem que eu, quando dormia/ No meu jardim, fui vítima da raiva/ De uma serpente; e assim na/ Dinamarca Toda, essa história em torno a mim forjada/ Foi repetida como verdadeira. Mas tu meu nobre jovem, toma nota/ De que a serpente que tirou a vida/ De teu pai, usa agora a sua coroa. (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena V, p.68)

O Príncipe entende e exclama: Oh, minha alma profética; meu tio!+ (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena V, p.68). A expressão *minha alma profética* não está aí por acaso. Aliás tudo tem sentidos e significados na peça. Tudo se completa, a cada frase, cada detalhe, mutuamente se esclarece (HELIODORA, 2010). Ele parece prever saber antes que o fantasma o dissesse do crime. A cena do encontro com o espectro do pai se torna ainda mais interessante quando Hamlet dá o seu nome ao fantasma: (...) eu desejo falar contigo: vou chamar-te Hamlet;/ Rei, pai dinamarquês real: Responde!+(SHAKESPEARE, 2010, p. 63). As pesquisas indicam que Shakespeare buscou inspirações em seu próprio contexto de vida. O fantasma seria na verdade o próprio Shakespeare e Hamlet o filho que o dramaturgo perdera em vida. Segundo Bloom (2000, p. 484), em 1601, no papel do fantasma, Shakespeare se dirige ao próprio filho quase adulto+. Nesse sentido, Bloom ainda afirma ser uma especulação de James Joyce:

A afirmação não é minha, mas de James Joyce, o primeiro a identificar Hamlet, o príncipe da Dinamarca, com Hamnet, o único filho que Shakespeare teve, e que morreu aos onze anos de idade em 1596, quatro ou cinco anos antes do surgimento da versão final de A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca, na qual o pai de Hamnet Shakespeare fazia o papel do fantasma do pai de Hamlet. (2001, p.481).

Outras especulações referem o espectro como o próprio pai que Shakespeare teria perdido, não desconsideramos tais afirmações, mas voltemos a Hamlet personagem de Shakespeare. Podemos fazer uma análise ainda mais profunda. O encontro dele com o pai poderia ser um encontro de Hamlet com ele mesmo. O Rei seria realmente a lembrança e o desejo do Príncipe de estar com o pai novamente,

sendo então um delírio, um devaneio um reflexo do seu próprio subconsciente. É o que veremos a seguir.

### 1.1 Reflexo e verdade do subconsciente de Hamlet

Como se trata de uma obra teatral dramática, ficção portanto, a figura de um fantasma não é absurda, já que trata-se de uma obra literária onde o autor pode conduzir a história como quiser em um mundo próprio. Em Hamlet a figura do espectro não quebra a verossimilhança da história, mas nem por isso deixa o ar de estranhamento mais ameno. A obra não faz parte do gênero fantasia, como um conto de fadas, por exemplo onde bruxas e fantasmas são reais e onde ninguém duvida disso. Partindo desse princípio, podemos fazer uma análise mais profunda de Hamlet em relação ao fantasma. Shakespeare deixa índices de que a figura do espectro é mais do que aparenta ser. Uma delas é as falas de Horácio e Marcelo que querem impedir que o Príncipe vá ao encontro do fantasma: **HAMLET:** Ele me acena. Vamos! Vou seguir-te! **MARCELO:** Não hás de ir, senhor! **HAMLET:** Não me segures. **HORÁCIO:** Seja sensato. Não vá+ (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena IV, p.65).

Como notamos na fala de Horácio já há um indicio que o próprio queria privar o Príncipe da loucura com o fato de ver e ouvir um fantasma, como ele diz **Seja sensato. Não vá+** E momentos antes dessa fala, Horácio já o alertara do perigo que isso poderia lhe conduzir: **Se se ele o levar para a corrente (...)/ E lá venha tomar formas terríveis/ Que o possam privar da lucidez/ E conduzi-lo à loucura?** (SHAKESPEARE, 2010, p.65).

Os traços de loucura ficam evidentes e Hamlet teima em continuar o seu devaneio. Tanto que Horácio chega a dizer quando o Príncipe e o fantasma saem: **Ele se exalta na imaginação.**+(SHAKESPERE, 2010, p.65). Imaginação. Essa fala nos leva a pensar que de fato não existia fantasma algum e que Hamlet criara o espectro em sua loucura, em seu devaneio e portanto só ele poderia vê-lo. Para explicar isso nos pautamos em Freud<sup>1</sup> (2014) em seu escrito intitulado **Escritores criativos e devaneio**+ onde o pai da psicanálise fala como se dá esse processo do devaneio no subconsciente do homem.

---

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio**. Disponível em: <http://quebracorpo.blogspot.com.br/2010/04/escritores-criativos-e-devaneio-1908.html>. Acesso em 10 ago.2014.

Para entender isso Freud nos explica a partir do brincar infantil. O brincar infantil é levado muito a sério. A criança assim como o escritor criativo cria seu próprio mundo e que separa muito bem do real. Geralmente na infância a criança brinca de ser adulto e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o brincar infantil do fantasiar (FREUD, 2014). Quando adultos deixamos de brincar e com as seriedades da vida acabamos abdicando desse prazer. Assim como a criança em crescimento deixa seus brinquedos e objetos reais que fazem parte do seu brincar infantil e parte para o brincar somente em estado imaginado, nós como adultos fazemos o mesmo em momentos:

(...) quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios. (FREUD, 2014).

É bem mais difícil observar as fantasias dos adultos do que o brincar dos pequenos. As crianças não se envergonham do brinquedo, ao contrário do adulto que esconde suas fantasias por acharem proibidas e infantis. As fantasias dos adultos se tornam por demais secretas, absurdamente sigilosas, e suas confissões portanto quase impossíveis. Ocultam por acharem também absurdas as suas, quando na verdade não sabem que outras pessoas também podem pensar parecido e ter outras fantasias que outros podem ter. (FREUD, 2014). Freud também explica que as fantasias partem dos desejos. A criança quando pequena deseja ser adulto. E por isso brinca de ser adulto. Então toda fantasia se origina de um desejo.

Freud vai além e acrescenta: “Podemos partir da tese de que a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita. As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.” (FREUD, 2014). Compreendemos então que a melancolia exacerbada do Príncipe, o desejo de corrigir a realidade que o insatisfaz o leva a criar devaneios. Com o pai morto, Hamlet recria a figura do pai em sua mente a partir da lembrança que ele tem dele e que carrega consigo. Sobre isso, Freud (2014) nos ensina:

O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança.

Devaneios são corriqueiros no imaginário das pessoas. Mas quando se tornam profundas e poderosas podem ocasionar patologias:

Quando as fantasias se tornam exageradamente profusas e poderosas, estão assentes as condições para o desencadeamento da neurose ou da psicose. As fantasias também são precursoras mentais imediatas dos penosos sintomas que afligem nossos pacientes, abrindo-se aqui um amplo desvio que conduz à patologia. (FREUD, 2014).

É o que acontece com o Príncipe. A loucura o atinge, as fantasias tornam-se extremamente exageradas que dominam sua mente:

Enquanto houver memória neste globo/ Atônito. Lembra-te! Certamente! / Apagarei das tábuas da memória/ Tudo que de supérfluo ali perdure, / leituras, sentimentos, impressões/ Que a mocidade ali gravou um dia; Só teu mandamento permaneça/ nas páginas do livro do meu cérebro, / Destacado de tudo. (SHAKESPEARE, 2010, p.71).

Hamlet agora ouve a mensagem que seu subconsciente expeliu para ele mesmo. Rompe com tudo que um dia achava ser verdade, e o que era certo agora passa a questionar. Começa o plano de vingança. Ele precisa executar o que o seu subconsciente lhe revelou. O Rei impõe o que o Príncipe não consegue decidir, quer concertar o mal-estar social que foi instaurado. O Príncipe precisa carregar seu fardo como diz em suas últimas palavras do primeiro ato: *Maldito fado. /Ter eu de concertar o que é errado+*(SHAKESPEARE, 2010, p.76)

## **1.2 A corte podre de Elsinore e o mal-estar social**

Se por um lado não conhecemos o passado de Hamlet, com certeza podemos notar que na história que Shakespeare nos apresenta, o jovem Príncipe se encontra amargurado e revoltado com a situação em que se encontra Elsinore com toda a

podridão da Dinamarca junto com sua fúria para o até então antagonista da obra, o agora rei, Cláudio. Após a revelação Hamlet se encontra extremamente transtornado e indignado com a traição de sua mãe e o fratricídio do tio.

O protagonista se isola em momentos, o desconforto com a sociedade o enoja de tal maneira que seu ego tenta isolar-se do mundo. Em seu trabalho *O mal-estar na civilização*, o psicanalista Freud faz um estudo da relação da sociedade com a mente do indivíduo. Nesse estudo Freud afirma que quando bebês nosso Ego não diferencia o eu do mundo externo. Essa não diferenciação contempla também a busca incessante de prazer. A libido do bebê se concentra na boca. O seio da mãe portanto é o objeto de prazer mais desejável do recém-nascido. Para adquiri-lo o bebê, tem de chorar e se espernear para que o objeto apareça e: Desse modo, pela primeira vez, o ego é contrastado por um objeto sob a forma de algo que existe exteriormente que só é forçado a surgir através de uma ação especial (FREUD<sup>2</sup>, 2014). Então:

Um outro incentivo para o desengajamento do ego com relação à massa geral de sensações . isto é, para o reconhecimento de um exterior de um mundo externo . é proporcionado pelas freqüentes, múltiplas e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento e cuja fuga são impostos pelo princípio do prazer, no exercício de seu irrestrito domínio. (FREUD, 2014)

O ego procura então isolar todo tipo de desprazer: Surge, então, uma tendência a isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um exterior estranho e ameaçador. (FREUD, 2014)

E conseqüentemente:

A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o ego não pode utilizar senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior, e este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos. Desse modo, então, o ego se separa do mundo externo. (FREUD, 2014)

---

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. 1929. Texto copiado integralmente da edição eletrônica das obras de Freud, versão 2.0 por TupyKurumin. Disponível em: [http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/freud\\_02.pdf](http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/freud_02.pdf). Acesso em: 17 ago. 2014.

O desprazer que Hamlet sente em relação a tudo que o cerca, toda a injustiça e o caos de viver o leva a loucura. O Ego do príncipe deseja isolar-se do mundo externo, dessa sociedade pútrida e artificial como no verso "Oh, vilão sorridente, mas danado!" (SHAKESPEARE, 2010, p. 71), quando Hamlet reflete sobre a falsidade de Polônio.

O mal-estar social do personagem é bastante compreensivo, uma vez que Hamlet, assim como todos os seres humanos, tentam alcançar a felicidade. E a felicidade do Príncipe comprometido com a razão foi cruelmente ameaçada. A felicidade segundo Freud, pode ser ameaçada por fontes do sofrimento:

(...) três fontes de que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. (FREUD, 2014).

Dominar a natureza e os nossos corpos é tarefa na qual talvez nunca dominemos completamente. Os relacionamentos porém, parece-nos insuportável demais para admitirmos isso facilmente. Para se viver bem em sociedade é preciso que regras sejam obedecidas para o bem de todos, e a justiça como diz Freud (2014): "A primeira exigência da civilização, portanto, é a da justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo". Logo temos um Polônio e demais personagens em Hamlet que foge a essa e várias outras regras que seriam para o bem do social. E obviamente que Hamlet não deixa isso por isso mesmo.

O fato é que Hamlet não está feliz nem com a realidade e nem com ele mesmo. E Hamlet "trava uma luta contra as pessoas que o cercam por estes se distanciarem do comportamento racional (...)." (CARROCHE, 2013, p.4). A loucura de Hamlet assim como a de Erasmo denunciará esses loucos.

As investidas do destino foram demasiadamente fortes para o jovem Hamlet. Freud vem dizer que as pessoas criam mecanismos de defesa contra os desprazeres que o mundo externo causa. A felicidade para Freud parece ser para nós a satisfação do instinto. Esse instinto uma vez ameaçado gera o definhamento. E para nos proteger dessa não satisfação podemos agir sob o aniquilamento dos instintos. Já outros preferem tentar fugir da realidade. Segundo Freud nesse

processo mais complexo o indivíduo vê a realidade como ameaçadora e fonte de todo sofrimento. Para as vertentes desta para se alcançar a felicidade é preciso romper totalmente com a realidade. São os então chamados eremitas:

O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. Mas quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada. A realidade é demasiado forte para ele. Torna-se um louco; alguém que, a maioria das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real o seu delírio. (FREUD, 2014).

Com base nesta explicação poderíamos dizer que Hamlet tem traços eremitas. Porém, parcialmente. O príncipe quer romper seu vínculo com a realidade dura em que ele foi inserido, cria devaneios como vimos no caso do fantasma, e até sua correção da realidade injusta torna-se parcialmente uma fantasia. Mas Hamlet não foge totalmente da realidade. Muito pelo contrário, a loucura não consegue enlouquece-lo totalmente a fim de romper seu vínculo com a realidade e a razão. O príncipe renascentista acredita que pode corrigir algumas coisas do mundo, mesmo que se trate apenas de desmascará-las.

O mal-estar em relação a Corte pode não é por menos. Hamlet é um Príncipe e que cujo o pai foi assassinado pelo tio. A dor pela perda e toda injustiça instaurada o faz despertar para a realidade do mundo louco e alienado envolvendo questões psicológicas e metafísicas, porém do, ponto de vista político, ele acaba por injuriar pois acaba perdendo o controle da situação já que agora não é mais o pai que está no poder e sim o tio assassino.

Na cena do banquete que Cláudio dá a toda Corte, Hamlet sente ultraje. Isolado e vendo a mãe festejando com outro que não seja o seu pai e que agora tem o reino inteiro ao seu dispor, o Príncipe vem acometer isso e exclama:

Oh mulher perniciososa! Oh vilão sorridente, mas danado! É mister que eu escreva os meus preceitos: Alguém pode sorrir e ser um crápula; Pelos menos, é certo nesta terra Da Dinamarca; assim és tu, meu tio(escrevendo) Agora uma palavra por divisa: ~~A~~deus! Adeus! Recorda-te de mim! (SHAKESPEARE, 2010, ato I, cena V, p.71)

Na posição de destronado a fúria se exerce ainda mais no Príncipe Dinamarquês que quer o seu lugar de volta, que é seu por direito. Shakespeare explora essa questão da luta pelo poder em sua época, fenômeno recorrente também na modernidade e em todas as épocas. Os homens que estão sempre em busca do governar, de exercer poder em diversos setores, sempre indiferentes, desde os mais baixos até o de posição de presidir um país e quem sabe o mundo. Essa busca pelo poder que faz com que os homens queiram sempre pisar uns nos outros, de querer ter e ser sempre mais que outrem para suprir suas vaidades em uma hipocrisia que não passa de uma ilusão de um sentimento efêmero e egoísta e que não hesita, é assassino, capaz de tudo pelo poder.

## 2 A VOZ DA LOUCURA E A MELANCOLIA EM HAMLET

Se o comportamento de Hamlet era de incômodo aos reis, com seu ar melancólico; depois da revelação do fantasma (e Hamlet mantém em segredo e em juramento a revelação do espectro apenas aos que estavam presentes com ele, o próprio fantasma/ subconsciente o pede), é que agora o que era incômodo virará alvo de grande preocupação e perturbação para os culpados. O comportamento de Hamlet se torna ainda mais misterioso e as especulações sobre a possível causa de sua loucura também. Como a suspeita de Ofélia e seu pai que julgam que a causa da loucura de Hamlet seria o amor rejeitado de Ofélia para com ele:

Ofélia: Senhor, estava eu cosendo no meu quarto, / Quando o Príncipe Hamlet, mal trajado, / Sem chapéu, tendo as meias enroladas/ pelas pernas, sem ligas, branco e pálido/ como o linho, os joelhos tremulantes, / Com o olhar de tão fúnebre expressão/ Como se nos viesse dos infernos/ Falar de Horrores- vem diante de mim diante de mim. / Polônio: Louco por teu amor? / Ofélia: Senhor, não sei, / Mas temo que seja assim. (SHAKESPEARE 2010, p. 83)

Esse trecho mostra em tom sutil, singelo o quanto Hamlet queria dizer algo a Ofélia, algo que talvez nem ele soubesse como dizer. Um silêncio eloquente. Sentimos a dolorosa indefinição do personagem que parece precisar externar o que não pode. É quase um pedido de socorro, silenciado em um suspiro.

Polônio acrescenta:

Esse é o chamado êxtase do amor, (...) E leva os seres para o desespero (õ ) Terás, acaso, usado palavras muito duras? / Ofélia: Não, senhor, mas observando aquilo que ordenou, / Repeli suas cartas, e neguei/ Sua presença. Polônio: Isso tornou-o louco (SHAKESPEARE, 2010, p 84).

A reação de Ofélia é de confusão. Teria ela causado a loucura no pobre Hamlet? Ela se pergunta e essa questão a aflige, se sente culpada, porém não tem certeza dessa culpa. Tenta entender o que se passa na cabeça de Hamlet, tenta ajudá-lo, porém não chega a resposta alguma. Apesar da aparente submissão ao pai, Ofélia tenta mostrar para os outros e para si mesma que é mais do que a %loce e ingênua donzela+como costumam intitulá-la. Ela o é, parcialmente, e aos poucos vai deixando a imagem puritana. Dá ouvidos ao pai ao mesmo tempo em que se

aventura em saber até onde seus desejos a levam, motivada também pela busca da confirmação deste e da reciprocidade do amor que sente por Hamlet. Ofélia como também outras mulheres Shakespearianas, de acordo com Carroche (2013, p. 24) rompe %o..) com o comportamento que se espera das mulheres à época de Shakespeare, de enfrentamento ao mundo de dominância masculina em que vivem.+ Mais uma vez Shakespeare aborda uma temática crítica nas entrelinhas de sua obra.

Polônio leva a sua suspeita aos ouvidos dos Reis Claudio e Gertrudes que são, não por menos, os mais interessados em saber a real causa da loucura do Príncipe:

Polônio: E aconselhei-a que ela se recolhesse e se isolasse, / Não recebe cartas nem lembranças. Em resumo: eis que Hamlet, repellido, / Cai em tristeza; segue-o o fastio, / Depois logo a insônia, e logo enfraquecido, Cai na melancolia, em consequência, Na loucura que agora se debate, / E que nós lamentamos. Rei: Crês que é isso? Rainha: Pode ser muito bem. (SHAKESPEARE, 2010, p. 92).

Porém, o mistério de Hamlet continua e não encontram provas de ser essa a causa da loucura. Na tentativa de indagar Hamlet, Polônio se surpreende com suas reações. Eis um trecho em que Polônio pergunta a ele o que está lendo, e este responde com sua filosófica maestria crítica e zombaria:

Calúnias, Senhor; pois o cínico calhorda diz que os velhos têm barba grisalha, que suas faces são enrugadas, seus olhos purgam âmbar espesso e goma de ameixeira, e que têm completa falta de discernimento, a par de coxas fracas. Em tudo que, senhor, acredito firmemente, mas não creio que seja decente dizê-lo assim, em um livro. Pois o senhor mesmo chegaria à minha idade se pudesse andar para trás, como um caranguejo (SHAKESPEARE, 2010, ato II, cena II, p. 95).

A genialidade do Príncipe é tão evidente que Polônio chega a admitir: %Embora seja loucura, mesmo assim há nela certo método+(SHAKESPEARE, 2010, ato II, cena II, p. 95). Polônio indaga a respeito se ele quer deixar estes ares, Hamlet rebate com outra pergunta %Para o meu túmulo?+Tal pergunta faz polônio confessar: %Por certo lá estaríeis sem ar. (à parte) Como suas respostas são penetrantes- uma felicidade que a loucura alcança às vezes, e que a razão e a sanidade não têm a sorte de encontrar+ (SHAKESPEARE, 2010, p. 95). Tal afirmação de Polônio

legítima a loucura lúcida de Hamlet. E Fazendo uma ponte entre essa afirmação de Polônio como filósofo e humanista Erasmo em seu libelo *O elogio da loucura* que afirma:

O Louco aprende a ser sábio à sua própria custa. Pois há duas coisas, sobretudo, que impedem o homem de chegar a conhecer bem as coisas: a vergonha que ofusca sua alma, e o temor que lhe mostra o perigo e o desvia de empreender grandes ações (ERASMO, 2003, p.44)

Livre das amarras que a sociedade impõe com seus falsos moralismos e regras convencionadas como certas, o louco tem maior liberdade para se expor e dizer o que quer e do jeito que quiser, sem medos ou vergonhas do que os outros vão achar.

Aliás é uma característica da dramaturgia elisabetana-jamesca esse tom de liberdade e revolução já que se tratava do período da renascença em ascensão. A própria estrutura do teatro Shakespeariano dialogava muito com o público cuja a geografia ficava nos três lados do palco. Com alçapões e surpresas típicas da renascença o palco de grande mobilidade se transformava em vários cenários. A proximidade que o público tinha com o palco faziam os atores encenar seus monólogos de forma mais íntima. Hamlet vivia dois teatros um externo e outro interno como afirma Bloom (2014, p.204):

A mente de Hamlet é um teatro em si, e, portanto, a peça tem dois enredos: um externo e um interno. O enredo externo, com toda a sua complexidade, é necessário, para que acreditemos que Hamlet é um ser humano, e não um deus, ou um monstro.

O interno que contempla suas reflexões. E o externo que legitima sua fragilidade humana. E ainda cria um teatro dentro do teatro que estudaremos mais adiante.

Hamlet acaba encontrando esse meio de liberdade na loucura. E já que ele mesmo diz que *“a Dinamarca é uma prisão”*. Grandes empreendimentos são feitos com coragem e experimentação. Hamlet experimenta um pouco da filha de Pluto, a loucura segundo Erasmo (2003, p. 16) : *“Não nasci nem do Caos, nem dos infernos; não devo a luz nem a saturno, (...)”*. Pluto foi meu pai+. Consciente, embora esteja mergulhado também na verdadeira loucura que tenta dominá-lo exercendo

influência, Hamlet agia e pensava o que queria e então era tachado de louco. Não esqueçamos, porém, que Hamlet é um príncipe jovem, submetido à loucura da juventude, como nos diz Erasmo:

E a idade que sucede a infância, que encantos não possui aos olhos de toda gente! Com que ardor não se esforçam por favorece-la, por ajuda-la por socorrê-la! Ora quem dá essa idade encantadora as graças que a fazem querida? Quem as concede se não eu? (ERASMO, 2003, p. 22).

É na juventude que as dúvidas surgem em demasia. A dualidade existente nessa fase em que nem se é criança e nem adulto (ou um adulto recém intitulado adulto). A inquietação, o fato de não saber direito para onde ir; a personalidade em ritmo frenético, as mudanças e construções... O jovem transita ~~na~~ entre o ser ou não ser+ célebre frase da obra, uma das mais famosas da literatura. O ser ou não ser que traz significados ocultos que veremos mais adiante. Entre ser ou não ser a loucura versus razão; a loucura de Hamlet quer falar e denunciar os atos criminosos que permeiam o castelo, Elsinore, a Dinamarca, e os seres humanos. Na incerteza de vingar ou não a morte do pai, Hamlet fica enclausurado pela dúvida, não quer tomar nenhuma atitude precipitada. Seu comprometimento com a razão o perturba; a verdade mortífera que atormenta seus ouvidos.

É interessante notar que na peça inteira vemos que Hamlet é acusado de ser louco por falar a verdade, sendo que os verdadeiros loucos são todos os personagens da peça, Cláudio principalmente. Cláudio assassina o próprio irmão, casa-se com a irmã dele, e usa todos a favor de sua conquista pelo poder. É o mundo enlouquecido do qual Hamlet não quer fazer parte. A verdade é que a maioria (todos) dos homens são loucos, como diz a própria loucura: ~~Na~~ maioria dos homens são loucos, pode-se mesmo dizer que não há nenhum que não tenha várias espécies de loucuras; ora é nas semelhanças que estão fundadas todas as amizades+(ERASMO, 2003, p. 34).

A loucura mostra-nos fortes argumentos em relação à insanidade dos homens inclusive sobre suas relações de amizade:

Fechar os olhos para os desregramentos dos amigos, iludir-se sobre seus defeitos, imitá-los, amar neles os maiores vícios, admirá-los como se fossem virtudes, não é isso o que se chama entregar-se a loucura? (ERASMO, 2003, p. 33).

A Loucura se enaltece em elogios a si mesma ao mesmo tempo em que critica e defende seus loucos: %o..) é a loucura que deveis as principais satisfações da vida, e tendes assim o prazer bem doce de usufruir até mesmo da loucura dos outros+ (ERASMO, 2003, p. 44). Quando se começa a entender as coisas, a enxergar a verdade tal como ela é, e descobre-se até o que não se quer enxergar, por a realidade ser cruel de mais, não sendo do jeito que se acreditava certo, ou sem sentido, deixa-se um pouco a felicidade. Ou a ilusão de ser feliz. Para Erasmo o funcionar da sociedade só é possível porque são loucas todas as pessoas. Erasmo ainda diz que sem a loucura o mundo seria um lugar insuportável de se viver, e ela tece elogios a si mesma também por causa disso. Ela indaga sobre a questão do casamento e afirma ser ela a impulsionadora deste ato, alega ainda ser insuportável a vida com tantas desventuras e decepções, se ela não suprisse as pessoas do ímpeto vital da razão (ERASMO, 2003, p. 43). E acrescenta:

É essa loucura que ergue as cidades, ela é que sustenta os impérios, as leis, a religião, os conselhos, os tribunais; em uma palavra, é essa loucura a base e fundamento da vida humana, e o fundamento da vida humana, e que governa universo a seu capricho.

Observemos a forte crítica que Erasmo faz à %azão da sociedade+. Essa razão convencionada como não patológica, quando na verdade há muita ilógica em suas premissas. O que governa o mundo é essa razão infundada e disfarçada de sanidade e também a loucura que nos faz suportar as investidas do destino. É a essa loucura que os seres recorrem a fim de suportar a eles mesmos. O Rei Cláudio ao exemplo é um dos mascarados mais cínicos da obra de Shakespeare. Banhado por sua racionalidade absurda, de várias maneiras tenta destruir o sobrinho uma vez que este se torna uma ameaça para ele. O rei usurpador começa a se preocupar com a loucura de Hamlet:

REi: E não puderam, com fala habilidosa, / Obter-lhe a confissão, desse desvairo, / Que assim perturba a calma dos sentidos, / Com turbulenta e perigosa insânia? ROSSENCRANTZ: Ele confessa que a razão lhe foge, Mas de nenhuma forma diz por quê. GUILDENSTERN: Nem se mostra disposto a ser sondado; Com uma hábil loucura (...) (SHAKESPEARE, 2010, ato III, cena 01, p. 115).

Neste fragmento é discutida com extrema preocupação a ameaça que Hamlet se tornou. Cláudio que representa o Estado é ameaçado pelo Príncipe Hamlet que questiona esse poder com o conhecimento que ele possui. Fazendo uma analogia com a política antiga e trazendo até a atual podemos afirmar o que justamente o governo não quer que façamos: Pensar. E pensar ser contra o sistema. Shakespeare com seu teatro do mundo coloca tais questões na história que transcendem à ficção e fazem uma ponte com a realidade, criticando também as formas de poder de sua época. Hamlet é uma ameaça à Cláudio porque não teme pensar, questionar e desmascarar as mentiras que o novo Rei instaurou.

O Rei Cláudio, assim como Gertrudes e os demais ainda suspeitam que o motivo da loucura seja mesmo Ofélia, cria-se um plano para a confirmação da suspeita. Eis a fala do Rei:

Mandamos em segredo chamar Hamlet, / Pra que, como se fosse por acaso, / Encontre Ofélia. Seu pai e eu -como espiões honrados- vamos nos esconder onde os vejamos Sem sermos vistos para que possamos/ Julgar do seu encontro/ Francamente, E assim saber, conforme ele se porte, / Se é ou não por amor que ele se aflige/ E sofre desse modo. (SHAKESPEARE, 2010, ato III, cena II, p. 116)

A rainha responde: ~~R~~ Rainha: Eu obedeço;/ E do teu lado, Ofélia, o que desejo/ É que tua beleza seja a causa da loucura se Hamlet; pois espero/ Sejam tuas virtudes sua cura, / Para honra de ambos+. Porém, ~~A~~ corte podre de Elsinore é ratoeira pequena demais para pegar Hamlet+ (BLOOM, 2000, p. 481). O motivo da loucura não é só não descoberto, como Hamlet já arquiteta um plano para desmascarar o tio como podemos ver no final do segundo ato:

Ouvi dizer que quando mal feitores/ Assistem a uma peça que os imita, Sentem na alma a perfeição/ E confessam de súbito os seus erros./ Pois o crime de morte, sem ter língua,/ falará com o milagre de outra voz,/ Esses, atores diante, de meu tio,/ Repetirão a morte de meu pai; Vou vigiar-lhe o olhar, Sondá-lo ao vivo;/ Se Trastejar eu sei o que farei./ O fantasma talvez seja um demônio,/ Pois o demônio assume aspectos vários/ E sabe seduzir;/ Ele aproveita/ Esta melancolia e esta fraqueza,/ Já que domina espíritos assim,/ Para levar a danação./ Preciso Encontrar provas menos duvidosas./ É com a peça que penetrarei/ O segredo mais íntimo do rei ( SHAKESPEARE, 2010, p. 112).

Hamlet encontra um grupo de atores e arquiteta este esquema muito mais genial e mirabolante do que as armadilhas de Cláudio. Quanto ao plano de Cláudio

em relação a saber se é a bela Ofélia a razão da loucura do sobrinho, este fraqueja decadentemente. Hamlet dá um espetáculo de ironia com suas colocações filosóficas, verdades cruas, chegando até ser altamente cruel, assim como a vida é com ele. Ofélia pergunta a Hamlet se ele a ama, para sua indignação, Hamlet responde: *“Não devias ter acreditado em mim; pois virtudes não podes ter inoculado tanto o nosso velho tronco que não restasse o gosto dele. Eu nunca te ameie+”* (SHAKESPEARE, 2010, p. 120). Hamlet ainda acrescenta para a jovem Ofélia:

Entra para um convento. Por que desejarias conceber pecadores? Eu próprio sou passavelmente honesto; mas poderia ainda assim acusar-me a mim mesmo de tais coisas, que seria melhor que minha mãe me tivesse concebido. Sou muito orgulhoso, vingativo, ambicioso, com mais erros ao meu alcance do que pensamentos para expressá-los; imaginação para dar-lhes forma, ou tempo para cometê-los. O que podem fazer sujeitos como eu a arrastar-se entre o céu e a terra? Somos todos uns rematados velhacos; não acredites em nenhum de nós. (SHAKESPEARE, 2010, p. 120).

A confissão contida neste trecho nos mostra o quanto o Príncipe racionalizava e pensava a respeito do humano. Hamlet reflete sobre o lado escuro, confessa que todos os homens são velhacos, faltam com a verdade e são alvo de repúdio. São seres desprezíveis, rematados, e ele próprio inclui-se em tais afirmações. Confessa que todos os homens são loucos. E observamos também a frieza e crueldade que Hamlet trata Ofélia. Ela que tenta o tempo todo entendê-lo e ajudá-lo, ingênua, confia e acredita que será recíproco o seu sentimento, mas como dito, tem seu amor rejeitado de forma dura. Incompreendida e carregando a mágoa que o amado louco lhe causara, a confusão de sua cabeça aumenta e ela acaba por enlouquecer. Uma das possíveis interpretações é a loucura que pode vir depois de uma decepção amorosa segundo Foucault:

O amor decepcionado em seu excesso, sobretudo enganado pela fatalidade da morte, não tem outra saída a não ser a demência. Enquanto tinha um objeto, o amor louco era mais amor que loucura; abandonando a si mesmo persegue a si próprio no vazio do delírio. (FOUCAULT, 1978, apud, CARROCHE, 2013).

Porém não é apenas por motivos românticos que Ofélia enlouquece. A doce Ofélia também se depara com a realidade de um mundo louco do qual sempre foi protegida, seja pela ingenuidade ou pelo pai. A decepção, as verdades

insuportáveis, afloraram sua rebeldia que, não por menos, chamaram a atenção de todos, mas não tanta daquele que ela realmente queria que a enxergasse: Hamlet.

Entretanto, o que diferencia Hamlet dos demais personagens é a confissão o desejo de não ser igual aos hipócritas, a busca pela verdade. E mais que isso, Hamlet é capaz de confessar suas infâmias, de desnudar-se, confessar-se, confessar o lado pútrido de que as pessoas se envergonham e que jamais revelariam. Hamlet é muito humano e parece ser uma pessoa de carne e osso, por algum motivo desconhecido, presa dentro de uma peça de teatro, obrigada a representar mesmo sem querer fazê-lo.+(BLOOM, 2000, p. 500).

O questionar tudo do personagem que dá nome a obra é a grande implicação da peça toda. Por pensar demais Hamlet acaba por se infelicitar a cada momento. Assim como Ulisses, como diz a loucura: % por que Ulisses era tão infeliz? Por que sua cabeça estava sempre cheia de artimanhas e de artifícios, por que nada fazia sem consultar Palas, e porque, tinha sabedoria e prudência em excesso+ (ERASMO, 2003, p. 57.).

O pensar de Hamlet contempla o comprometimento com a verdade e a justiça. Essa verdade que o Príncipe tenta o tempo todo dizer e alcançar. Hamlet não dissimula nada, apenas a própria loucura como diz Gomes<sup>3</sup> (p. 08): % astúcia de Hamlet está no fato de que sua única dissimulação é a loucura através da qual se permite dizer a verdade aos outros.+Verdade demasiadamente perigosa.

A verdade que a loucura de Hamlet revela se torna um grande perigo para Cláudio, Gertrudes e todos os mentirosos da trama, e até para o jovem enlouquecido. A ameaça é tanta que Cláudio pensa em mandar Hamlet para a Inglaterra. Mas sua hesitação é vã. Hamlet trata mais uma vez de desbancar o tio maquiavélico ao convidá-lo para assistir à peça que ele mesmo escreveu. As suspeitas de Hamlet são confirmadas, o tio passa mal ao ver encenada a verdade que o fantasma contara. Em seu próprio papel o rei pode ver-se e desmontar-se, confrontado pelo seu superego.

Hamlet se depara com mais uma revelação: a confirmação da verdade do espectro. Estarrecido com a verdade mortífera, seu desejo de vingança ganha proporções aterradoras. Logo o príncipe foi ter com sua mãe um diálogo forte e

---

<sup>3</sup> GOMES, Marcelo Bolshaw. Disponível em:  
[http://www.academia.edu/3084234/Todos\\_somos\\_Hamlet\\_Mas\\_cada\\_um\\_tem\\_sua\\_interpretacao\\_da\\_triste\\_estoria\\_do\\_principe\\_da\\_Dinamarca](http://www.academia.edu/3084234/Todos_somos_Hamlet_Mas_cada_um_tem_sua_interpretacao_da_triste_estoria_do_principe_da_Dinamarca). Acesso em: 06 out. 2014

devastador. Hamlet confronta-se com a verdade, com a loucura, com o fantasma do seu inconsciente que aparece, tudo numa confusão múltipla e ao mesmo tempo com brilhantes colocações de acusação do Príncipe. A força do confronto faz Gertrudes titubear diante da tormenta e duras palavras que o filho cospe em sua face. Ela pede para que deixe as criações de seu delírio. Hamlet retruca e defende sua lucidez:

%Delírio! Meu pulso é como o teu, / Seu ritmo é normal. Não é loucura/ O que eu disse; tu podes pôr-me à prova:/ Repetirei as frases que a loucura Confundiria. Não, por Deus te peço, / Não continues a embalar tuçalma/ Nessa ilusão que é minha loucura (...)  
Confessa aos céus, Contrita, o teu passado. Evita os males Que virão, e não ponhas mais estrume Nas ervas más. Perdoai minha virtude/ Que assim fala; na enxúndia destes dias/ Obesos a virtude se constringe, / Pede perdão ao vício, e curva a espinha, / A cortejá-lo pra fazer o bem.+(SHAKESPEARE, 2010, p. 156)

Naquele estado Hamlet %beberia sangue+ como o ele mesmo diz momentos antes de falar com sua mãe e depois de confirmar a suspeita do fratricídio. E acaba %bebendo+ mesmo quando num ato impensado- no calor da explosão de fúria- acaba matando num golpe de espada Polônio, o pai de Ofélia, maldito intruso assim dito que estava escondido atrás das cortinas. E logo se arrepende. Não sabemos porém até que ponto foi pensada ou impensada essa atitude, pois momentos antes do diálogo com sua mãe ele vê o rei orando e deseja matá-lo ali mesmo, mas Hamlet volta atrás de sua decisão pensando que se o matasse, Cláudio iria ao céu, lugar desmerecedor de um verme como ele e não completaria sua vingança portanto. Hamlet sempre racionaliza antes de agir, e não vê nem de um lado e nem de outro uma opção que seja verdadeiramente coerente. Mas talvez desejasse que ao invés de Polônio estivesse Cláudio atrás das cortinas.

O Rei Cláudio reconhece a lucidez nas reflexões de Hamlet, e o que há de intelectual no jovem órfão de pai. O rei cai na *ratoeira* que o sobrinho lhe armou com a peça de teatro %A ratoeira<sup>4</sup>+. O artigo que antecede o nome da peça nos diz pela semântica, nesse contexto, o que Hamlet já sabia: não se trata de uma ratoeira comum. Hamlet é capaz de desnudar-se e fazer com que a verdade venha à tona, não perde oportunidades de introduzir sua ironia e seu escárnio contra o mal dos

---

<sup>4</sup> “A ratoeira” com ênfase no artigo por não se tratar de uma ratoeira comum. Não é uma ratoeira, é a ratoeira. Hamlet cria uma peça de teatro única, escrita por ele mesmo, e que terá apresentação única também, dando ênfase no nome da peça que serve de armadilha para seu tio corrupto.

seres humanos. Ele quer que as pessoas se percebam. O teatro dentro do teatro funciona como um espelho da natureza+como afirma Gomes<sup>5</sup> (p.10):

(...) esse espelho da natureza que nos mostrar os defeitos e qualidades, é a representação dentro da representação para que o poder e a sociedade tomem consciência de si. Por detrás da linguagem, está o poder. E esta é a intenção maior de Hamlet, e não simplesmente dizer a verdade.

Mais um projeto inteligente. Ele sabe do poder que as palavras possuem e as usa de genial forma.

A loucura perigosa do jovem é debatida pelos Reis, Cláudio e Gertrudes que concordam em enviar Hamlet, o jovem socrático, para viajar o que faria bem para os seus pensamentos dado como o melhor a ser feito já que segundo o Rei, Hamlet está perdendo a razão. Os loucos viajavam nessa época; as viagens eram a fim desse pró de restituição da razão, como o mar, a água portanto, simboliza transformação, acreditava-se que o louco recuperava a sanidade em contato com ela em um novo renascer de vida.

Sobre os loucos, no fim da Idade Média é que sua imagem começa a ganhar novos significados; deixando os valores de desprezo e assumindo lugar central no teatro que Segundo Foucault (1978, p. 14, apud CARROCHE, 2013, p. 09): Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira, onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a uma sua verdade; na comédia onde todos enganam aos outros e iludem a si próprios.+

Cláudio sabe, do perigo que corre e tenta desacreditar os discursos do Príncipe taxando-o de louco, o próprio Rei afirma que a loucura dos grandes precisa ser vigiada+. E não por menos. Compreendemos que o louco não é Hamlet e sim o Estado que tenta enlouquecê-lo.

O Príncipe concorda em ir para Europa sem hesitar. Mas o rei Cláudio não pode arriscar que Hamlet volte a ameaçar com sua habilidosa razão e suposta loucura o Estado da Dinamarca, segundo o rei que diz:

---

<sup>5</sup> GOMES, Marcelo Bolshaw. Disponível em: [http://www.academia.edu/3084234/Todos\\_somos\\_Hamlet\\_Mas\\_cada\\_um\\_tem\\_sua\\_interpretacao\\_da\\_triste\\_estoria\\_do\\_principe\\_da\\_Dinamarca](http://www.academia.edu/3084234/Todos_somos_Hamlet_Mas_cada_um_tem_sua_interpretacao_da_triste_estoria_do_principe_da_Dinamarca). Acesso em: 06 out. 2014.

Não gosto do que faz; nem é seguro/ Deixar a solta um louco. Preparai-vos: /Vou despachar a vossa comissão: /Com ele partireis para a Inglaterra. Não pode o vosso Estado tolerar/ Perigo tão crescente, de hora em hora, / Como a sua loucura. (SHAKESPEARE, 2010, p. 143.)

E em carta à Inglaterra pede a execução do louco mais racional que já se ouviu falar na literatura. O Estado não quer pessoas inteligentes andando por aí, sob o risco de desmascarar e denunciar a corrupção ocultada em sua política suja. Eis o pensamento do Rei, tio de Hamlet:

E se, Rei da Inglaterra, algo me prezas- E meu grande poder deve valer-me, / Já que inda tens sangrentas cicatrizes/ Da nossa espada, e rendes homenagem/ Do teu respeito -não verás sem zelo/ Este ato soberano, que consiste/ Em cartas, que explicam nosso intuito, /De pronta morte para o pobre louco (...) (SHAKESPEARE, 2010, p. 170).

Sobre a questão do Estado a Dinamarca encontrava-se em guerra com a Noruega e havia uma iminente ameaça de invasão por parte dessa liderada por Fortimbrás, Príncipe da Noruega.

Hamlet embarca. E os delírios de Ofélia chegam ao extremo. Tendo seu amor rejeitado, e ainda saber que seu pai foi morto pelo homem que ela amava, a levam a um estado de pura loucura. Ofélia luta e se afoga na confusão da sua cabeça, misturando o real com o imaginário, acaba por afogar-se literalmente em um riacho nas redondezas do castelo Real.

Se Elsinore é ratoeira pequena para Hamlet, a Inglaterra também o é. Hamlet, sempre atento, consegue perceber todo o esquema fraudulento do tio e dessa vez não hesita e troca a carta por uma sua com nova versão. Mais uma vez o tio usurpador é derrotado pelo sobrinho de ardilosa inteligência. Hamlet ressurgiu tal como um gato e suas sete vidas+, ou ainda a mitológica fênix. Parece não importar quantas vezes o Rei tente destruí-lo, Hamlet sempre está um passo à frente. Gláudio o trapaceiro, não é inimigo à altura de Hamlet, embora o príncipe assim o defina+(BLOOM, 2000, p.482). O inimigo de Hamlet é o próprio Hamlet, assim como a história gira em torno da introspecção do Príncipe.

Talvez a firmeza de decisão pudesse evitar a tragédia toda da peça. Depois de se aventurar com piratas em promessa de pagamento, Hamlet volta à Elsinore onde tem-se a cena dos coveiros, momento da sátira e humor negro de Hamlet ao encontrar o crânio de um dos bobos da corte que antes podia fazer rir, quando vivo,

e agora não pode sair mais nenhuma graça de sua boca. Hamlet faz uma sátira da morte, ao mesmo tempo que ironiza os homens, e alega de nada valer o orgulho quando vem o fim de suas vidas. Mais um discurso da verdade. A verdade é que ela talvez não deva ser dita para todos os ouvidos:

a verdade foi apresentada pela boca de um espectro que, além disso, encontrava-se dormindo quando foi assassinado! Ainda que Hamlet tivesse tido dificuldade de realizar o voto paterno, o fato é que, algum tempo após ter escutado as palavras de seu pai, todos os personagens principais da peça faleceram: Polônio (o camareiro-mor), Ofélia (filha de Polônio e amada de Hamlet), Laertes (filho de Polônio), Cláudio (o novo Rei, tio de Hamlet), Gertrudes (a Rainha, sua mãe) e o próprio Hamlet. Hamlet sucumbiu, portanto, ao mesmo destino de seu pai, quando foi envenenado, pelo ouvido, com a fala dele (Lacan, 1958). A verdade revelada por seu pai foi assassina, o que nos mostra que a verdade também pode matar. Ela pode portar, portanto, essa dimensão agressiva, até mesmo mortífera, a depender do uso que se faça dela. (COELHO, 2007<sup>6</sup>)

É o problema da verdade. Mas a verdade não deveria ser tida como um problema, sobretudo ela pode ser o estopim para a libertação, do tirar da trave dos olhos ou também seja o aprisionamento da felicidade. Depende de seu ouvinte. Todos têm direito a ela. Hamlet busca incessantemente a verdade: a verdade sobre si mesmo, sobre a vida e a verdade sobre a verdade.

## **2.1 O Íser ou não ser, eis aí que é a questão<sup>1</sup> e sua relação com a loucura**

Se o Príncipe poderia ter evitado as várias mortes que acabaram acontecendo (inclusive a dele), por conta do seu não posicionamento em vingar a morte do pai, é uma dúvida no mínimo pertinente. Mas Hamlet pouco se questiona sobre a vingança. Ele se ocupa mais de suas questões interiores, pois questões externas pouco importam para esse herói da interiorização.+(BLOOM, 2000, p.511). Não é que Hamlet não se importe com as mazelas todas, pelo contrário luta contra elas. Mas o que parece implicar mesmo não é a vingança e muito menos Cláudio.

---

<sup>6</sup> COELHO, Maria T. Á. Dantas. **Hamlet e o problema da verdade**. Universidade do Salvador Colégio de Psicanálise da Bahia. Psic.: Teor. e Pesq. vol.23 no.4 Brasília Oct./Dec.2007.Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722007000400013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000400013&lang=pt). Acesso em: 18 set. 2014.

Hamlet na verdade tenta descobrir o que há por trás de sua própria indagação: Ser ou não ser?

Vingar-se ou não. A verdade é verdade ou só finge ser? Ser louco ou ser são? Existe ou não uma diferenciação entre a loucura e a razão? O que deve-se ser? E o que não se deve? E por quê? O fato é que: Hamlet é inteligente de mais, para identificar-se, exclusivamente, com um único papel, e a própria inteligência não gozará de privilégios exclusivos, quando colocada lado a lado à imparcialidade final do Príncipe.+(BLOOM, 2000, p. 506).

Não são as questões que paralisam as ações de Hamlet, é a verdade inacabada. É paradoxal. Hamlet sabe a verdade e se paralisa diante dela ao mesmo tempo que pensa que saber a verdade é algo inalcançável. Como Gomes<sup>7</sup> (p.06) parafraseia Lacan: Hamlet é uma tragédia do desejo que o essencial na narrativa está na relação entre o sujeito e a verdade. Verdade essa sempre intersubjetiva, discursiva, relativa, aliás: uma meia-verdade para revolta e tristeza do sujeito.+

Ele acredita que existe mais coisas entre o céu e a terra do que sonha ver a filosofia vã dos homens. E as implicações vão além dos homens, chegam também ao eterno, como já dito, Hamlet questiona a leis de Deus e do mundo. Porém, como nos diz Harold Bloom: (...) a peça ao meu ver, não é nem cristã e nem anticristã, pois o ceticismo de Hamlet não apenas excede uma possível origem em Montaigne como se torna no quinto ato, algo estranho e fascinante, algo que não conseguimos rotular.+(2000, p.489).

Até o quarto ato, Hamlet transita nessa questão do ser ou não ser. O fascinante e melancólico Príncipe Renascentista vive na busca incessante de saber quem realmente ele é, o que é o mundo, a vida e os seres assim chamados humanos.+

A escrita poética de Shakespeare trata justamente nas implicações do ser e do não ser. E como Heliadora (2010, p. 15) afirma, Shakespeare: (...) deu a seu protagonista uma tarefa de vingança a executar e em torno dela criou toda uma avaliação da vida humana que chega às suas últimas consequências na famosa dúvida expressada: ser ou não ser.+E mais que isso, como Heliadora (2010, p. 15) acrescenta: Não apenas ser, por certo; ser só merece esse título quando

---

<sup>7</sup> GOMES, Marcelo Bolshaw. Disponível em: [http://www.academia.edu/3084234/Todos\\_somos\\_Hamlet\\_Mas\\_cada\\_um\\_tem\\_sua\\_interpretacao\\_da\\_triste\\_estoria\\_do\\_principe\\_da\\_Dinamarca](http://www.academia.edu/3084234/Todos_somos_Hamlet_Mas_cada_um_tem_sua_interpretacao_da_triste_estoria_do_principe_da_Dinamarca). Acesso em: 06 out. 2014

plenamente vivido, pois quando as concessões e os compromissos têm de conduzir à rastejante e corrupta sobrevivência de um polônio, é melhor não ser.+

Esse compromisso com sua verdadeira identidade, Hamlet vive em constantes transformações, mudando a cada fala deixando-nos perplexos como afirma Bloom, (2000, p. 515):

É impossível não ficarmos perplexos diante de um personagem dramático que se transforma cada vez que fala, mas que, ao mesmo tempo, preserva sua identidade a ponto de jamais ser confundido com qualquer outra figura Shakespeariana.

As construções do Príncipe vão mudando à medida em que ele vai conhecendo a si mesmo, e conforme o pensamento de Bloom, preserva sua essência. Hamlet faz uso da liberdade que a loucura lhe proporciona para se comportar para o mais além do *ser*+da *sobrevivência*. Do comportamento típico de *o amaleão*+Hamlet também age, para fugir das armadilhas que lhes são postas, mas o seu compromisso é com o ser íntegro. O personagem defende a postura de que ninguém pode toca-lo tal como uma flauta; não deseja ser *medilhado*+nem pelos homens e nem pelo destino. O *estar pronto é tudo*+, diz o príncipe, aplicando a tudo, mesmo reconhecendo, porém, que algumas questões estão ao despeito dele, e que ninguém se sente plenamente pronto para viver.

E é sempre muito *difícil* fazer generalizações a respeito de Hamlet, pois toda observação é plausível de uma observação contrária+(BLOOM, 2000, p. 510). E ele ainda acrescenta: *Hamlet é paradigma da dor*, mas expressa seu pesar com uma verve esfuziante, e sua perene espiritualidade faz com ele parece vivaz, mesmo estando de luto.+É curiosa essa afirmação de Bloom. Existe mesmo luz em meio a treva que parece nunca ter fim em Hamlet.

Hamlet está sempre mudando, mas é no quinto ato que notamos uma mudança profunda: *o Hamlet que surge no quinto ato não está fingindo*; de regresso da jornada marítima, amadureceu uma década, e sua consciência ainda é teatral, i.e., sinistro, transcendental e sublime, no qual o abismo entre encenar e ser alguém não existe+ (BLOOM, 2000, p. 511).

O Príncipe do quinto ato está extremamente mudado, do *ser* ou não ser+do quarto ato para o *seja* como for+. O crescimento dele parece evidente, seus ares são mais amenos, parece ter descoberto quem ele é, e que para alcançar seus objetivos, ele tem de passar por tudo pelo lado bom e ruim da vida, mesmo sem

entendê-la direito por completo e nem se concorde com os mistérios que o destino exerce na vida humana.

E muitas coisas acontecem, Ofélia agora não passa de um cadáver depois de ter ser suicidado (ou não, papo interessante dos coveiros analisando se foi acidente ou suicídio), e Hamlet afirma amá-la diante do irmão dela, dizendo que o nem o amor de quarenta mil irmãos podia equivaler-se ao dele para com ela. Uma grande declaração de amor diante de todos, mas meio anestesiada, parece mais um sentimento de culpa do que de amor. É paradoxal e intrigante como ele próprio.

O Rei Cláudio planeja a cartada Final. Incita Laertes a fazer parte do plano de eliminar Hamlet em um duelo, onde um veneno poderoso é colocado na espada para ferir Hamlet. Caso falha-se seria dado a Hamlet caso tivesse sede ou ganhasse a disputa um cálice cuja a bebida também está envenenada. Em cumprimentos, com a mão nas de Laertes Hamlet pede perdão pelas suas faltas como se pedisse a um irmão. Hamlet quer ser absolvido pelos atos insanos que cometeu, reconhece as mazelas. Pensa também que a loucura pode ser perigosa.

A taça envenenada que era para o Príncipe sendo tomada pela rainha, mesmo sendo repreendida por Cláudio que por não poder contar, acaba por deixar.

Os primeiros sinais do efeito do veneno começam a surgir, ao percebimento do Rei culpado. A espada envenenada já está em luta manobrada por Laertes, Hamlet é ferido, as espadas são trocadas e Laertes acaba por ser envenenado por sua própria arma.

A rainha desmaia, mas vive a tempo de denunciar a bebida à Hamlet. Laertes também titubeia para a morte e conta para o Príncipe que logo a sua também não tarda e denuncia o Rei, o grande culpado.

Em um despertar, sem o ar de sublimação Hamlet diz: %Então, veneno, faz o teu serviço! o rei tenta defender-se (nunca deixa de ser cínico) e a acaba morto pelo golpe final do Príncipe Dinamarquês que diz: %Aqui, assassino/ Incestuoso e danado, bebe agora/ Esta poção. / Nela está tua jura. / Vai, segue a minha mãe.+ (SHAKESPEARE, 2010, p. 233) e Laertes chega a dizer depois que o rei finalmente morre: %Fez-se justiça+. Logo em seguida pede o perdão à Hamlet e morre.

Nessa cena Hamlet acaba por despertar vendo que algumas coisas ele não pode mudar e outras ele pode. O personagem que parece ter posto tudo a perder finalmente toma uma atitude decisiva e conclui sua vingança, em ato de querer pelo

menos fazer algo que prove o seu querer ser sublime, ele que tenta a peça inteira reassumir a vida, o faz mesmo em seus últimos instantes.

Horácio o fiel amigo e que sempre esteve junto ao Príncipe bem de perto ouve os últimos suspiros de Hamlet que sente a morte:

Horácio, eu sinto a morte-/ Adeus, pobre rainha! A vós tão pálidos/ E trêmulos diante desta desgraça, / Só testemunhas mudas deste ato, / Tivesse eu tempo- mas o duro /Braço da morte é tão severo- eu contaria...Mas seja tudo como for. Horácio: / Eu já estou morto e tu estás vivo; conta/ Toda a verdade sobre a minha causa/ Aos que a ignoram+(SHAKESPEARE, 2010, p. 234)

Horácio responde: %Não creia que o faça/ Sou mais romano antigo que de hoje: Ainda ficou uma gota+(SHAKESPEARE, 2010, p. 234). Destaque para este trecho é o amor de Horácio pelo Príncipe que parece traduzir o que os leitores sentem por ele, como afirma Bloom (2000, p. 525):

[...] a função de Horácio parece ser a de representar o amor que o público sente por Hamlet. Horácio é nossa ponte para o além, para aquela transcendência negativa, estranha- embora inconfundível- com que a tragédia é concluída.+

E qual a razão de amarmos tanto o Príncipe? Por que este personagem é tão querido e carismático chegando até ter um ar de profeta? Bloom questiona se Horácio saberia de algo mais que não saibamos:

Será que Horácio compreende algo que nos escapa? Hamlet ao morrer, não ama quem quer que seja- nem o pai nem a mãe, nem Ofélia, nem Yorick-, mas sabe que Horácio lhe quer muito bem. A história só pode ser contada por alguém que aceite Hamlet como ele é, sem julgá-lo. E apesar dos protestos moralistas Hamlet consegue aquilo que deseja. Somos Horácio e o mundo ama Hamlet, apesar dos crimes e dos erros por ele cometidos, apesar do tratamento brutal, praticamente homicida, que dispensa a Ofélia. *Perdoamos Hamlet porque perdoamos a nós mesmos.*+ (BLOOM, grifo do autor, 2000, p. 523).

Bloom (2014, p. 202) ainda diz que %Se o leitor não for ideólogo nem moralista puritano, provavelmente, ficará apaixonado por Hamlet, %enfermidade+ que vem grassando há cerca de dois séculos.

A afirmação de Bloom causa-nos certo espanto já que acabamos por nos identificar com Hamlet por ele ser esse ser de carne e osso e que tanto dialoga com o público. O fato é que Hamlet parece não amar ninguém, porém se preocupa com sua reputação no final de sua vida.

São coisas intrigantes que sempre tentamos desvendar e Hamlet é a mais marcante das peças, e talvez continue a ser a mais desconcertante, especialmente porque poucos de nós conseguem deixá-la em paz+(BLOOM, 2014, p. 203)

Bloom (2000, p. 523) ainda diz que não somos Hamlet pois nossa consciência jamais terá a amplitude da sua+. E de fato como diz Yalow (2008, p.31) Nós desejamos ser, temos pavor de não ser, e inventamos adoráveis contos de fadas em que todos nossos desejos se tornam realidade.+ Já Hamlet deseja ser, embora também usufrua da loucura para poder viver. Ele é sempre enigma, eterno vir a ser, louco e lúcido. Nessa peça que a cada leitura parece mudar, sempre nova e de interpretações e sentidos incontáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se Hamlet antes era taxado de louco por ter um comportamento desprovido de achismos alheios, logo percebemos que na verdade ele era muito lúcido e fazia uso da falsa máscara da loucura em pró de liberdade. O Príncipe, cujo o título já lhe prendia de dispor e agir por si mesmo, pois das escolhas de um nobre dependiam o reino, viu na loucura uma oportunidade de se exercer. Hamlet era maleficamente desacreditado pelo tio assassino que não era páreo para as reverberações do jovem Príncipe intelectual e renascentista que fez da loucura até sua arma de sobrevivência.

Hamlet pensa sobre a questão da vingança, ao mesmo tempo que faz um grande mergulho dentro de si mesmo, fazendo uma profunda introspecção e avaliação da vida humana.

As questões da personalidade, o intelecto e a vingança caminham juntas na busca pela autenticidade, integridade, e por uma verdade que dê sentido a tudo. Até às injustiças que Hamlet repudia ao extremo. A verdade é que não sabemos, se existe algo do outro lado assim como Hamlet se questionava. O que sabemos é que existe ~~no~~ mais coisas entre o céu e a Terra do que sonha nossa vã filosofia+. Palavras do sábio Hamlet. Tão sábio que resolveu enlouquecer um pouco também.

Apesar da lucidez, Hamlet também é atingido pela loucura verdadeira em seu ar obscuro que também o sufoca. Ele luta contra, porém ela o domina em momentos.

A obra pode até ser trágica, triste e realistamente pessimista. Mas também é carismática, crítica, e denunciadora, assim como seu personagem. Observamos em Hamlet o reflexo de nós mesmos em questões que permeiam todas as pessoas. Mas jamais teremos mentes tão borbulhantes e de uma consciência tão ampla como a dele.

Apesar da confusão de sua cabeça Hamlet foi muito forte e determinado, não tomou nenhuma decisão precipitada, porém no calor da fúria acaba matando Polônio, acaba por arrepender-se ao perceber o que tinha feito. Hamlet se autodestruía ao mesmo tempo que lutava por si mesmo. Ele precisava saber qual era sua verdadeira escolha, precisava saber antes o que era a verdade. Até descobrir que não existem verdades absolutas.

Hamlet leva-nos também para o lado positivo, nos convida a mergulhar e decidir as questões de nossas próprias vidas, dando-nos coragem para dar o mergulho no autoconhecimento. Interpretações contrárias à parte, Hamlet optou. E optou por ele mesmo. Escolheu um caminho e conseguiu sair da posição de enclausurado que se encontrava de um jeito ou de outro. Mas sempre há um tom enigmático no jovem Príncipe. Em seu último ato pede para que sua reputação seja justificada e ele parece se render um pouco para as coisas que ele não consegue compreender: "O resto é silêncio". Tantos significados. O que este silêncio quer dizer?

Todos temos contrários dentro de nós, loucura, razão, o bem e o mal. Hamlet é a obra onde as decisões precisam se aflorar. Sempre nos levando a um novo caminho e um novo ponto de vista.

## REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução :José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BLOOM, Harold. **Shakespeare**: A invenção do Humano. São Paulo: Objetiva, 2000.

CARROCHE, Pablo do Couto. **Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de letras. Porto alegre: jul. 2013.

COELHO, Maria T. Á. Dantas. **Hamlet e o problema da verdade**. Universidade do Salvador Colégio de Psicanálise da Bahia. Psic.: Teor. e Pesq. vol.23 no.4 Brasília Oct./Dec.2007.Disponívelem:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722007000400013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000400013&lang=pt). Acesso em: 18 set. 2014.

ERASMO, Desidério.1467-1536. **Elogio da Loucura**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L& PM, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1929. Texto copiado integralmente da edição eletrônica das obras de Freud, versão 2.0 por TupyKurumin. Disponível em: [http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/freud\\_02.pdf](http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/freud_02.pdf). Acesso em: 17 ago. 2014.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio**. 1908/ 1907. Disponível em: <http://quebracorpo.blogspot.com.br/2010/04/escritores-criativos-e-devaneio-1908.html>. Acesso em 10 ago. 2014

GOMES, Marcelo Bolshaw. **Todos somos Hamlet! Mas cada um tem sua interpretação da triste estória do príncipe da Dinamarca**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. s.d. Disponível em: [http://www.academia.edu/3084234/Todos\\_somos\\_Hamlet\\_Mas\\_cada\\_um\\_tem\\_sua\\_](http://www.academia.edu/3084234/Todos_somos_Hamlet_Mas_cada_um_tem_sua_)

interpretacao\_da\_triste\_estoria\_do\_principe\_da\_Dinamarca. Acesso em: 06 out. 2014.

HELIODORA, Barbara. In: Shakespeare, William, 1564-1616. **Hamlet, Rei Lear, Macbeth**. Tradução Barbara Heliodora. Clássicos Abril Coleções. v. 10. São Paulo: Abril, 2010.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PETRY, André. **Você é normal?** In: Veja. N. 47, pp. 160-165. São Paulo: Abril, 2011.

SHAKESPEARE, William, 1564-1616. **Hamlet, Rei Lear, Macbeth**. Tradução Barbara Heliodora. Clássicos Abril Coleções. v. 10. São Paulo: Abril, 2010.

YALOM, Irvin D. **Mamãe e o sentido da vida: Histórias de psicoterapia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2008.